

Nunca fazer o que te mandam

Virginie Despentes. *Teoria King Kong*. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016, 127 pp.

Helena Wilke

Pesquisadora no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: lenabw@gmail.com.

Virginie Despentes nasceu em 1969, em Lyon, França. Formou-se em meio à cena punk-rock, foi prostituta, baby-sitter, resenhista de filmes pornô, escritora, roteirista, diretora de filmes... Com 24 anos chegou a Paris — “da feminilidade só tenho alguns acessórios, que possuem uma função profissional (...). Com meu cabelo vermelho espetado, meu batom preto, minhas meias-calças de renda branca e meus enormes coturnos, me achava chique pra caralho” (pp. 96-97).

Em 2006, escreveu *King Kong Théorie*, publicado pela editora francesa Grasset. O pequeno livro foi publicado em diversas línguas — pela editora espanhola Melusina, em 2007, a londrina Serpent’s Tail e a estadunidense The Feminist Press, em 2009. Em 2016, *Teoria King Kong* foi publicado pela editora paulistana n-1, com tradução de Márcia Bechara, catalogado como “feminismo; sociologia”. É interessante,

porém, como o “feminismo”, propriamente, veio a se adequar à sua obra, tardiamente à sua vida, como relata no livro e conforme sua atitude e escrita escancaram com uma potência que transborda classificações, condutas e movimentos sociais. Seu relato mostra a importância de sua vivência no movimento punk, que confirmou o fortalecimento e a afirmação de uma vida apartada de condutas e obediências, e a fortaleceu para travar enfrentamentos cotidianos com a polícia e com o Estado.

Viver fora de casa foi fundamental para a reinvenção da feminilidade. Foi se afirmar como mulher dentro de um predomínio machista, inclusive na cena punk. Proletária da feminilidade, em suas próprias palavras, Despentes esteve longe do feminismo, simplesmente porque ser do sexo feminino não a impedia de fazer muita coisa: “sempre muito viril, como me dizem (...). Tudo o

que eu amo na minha vida, tudo o que me salvou até aqui, devo à minha virilidade” (p. 9). Sua vivência livre nas ruas também a fez se distanciar de moralismos muitas vezes presentes no feminismo, de modo geral, afeito à vitimizações, e da hipocrisia — à direita e à esquerda — na censura ao sexo, seja ela econômica, política, em nome da “dignidade” da mulher e da *segurança* de modo amplo e subjetivo.

Como prostituta por dois anos, Virginie Despentes, no início da década de 1990, experimentou levar a feminilidade ao limite. O exagero, a ultrafeminilidade, os segredos, e uma outra aproximação com os homens, faziam parte do “jogo” da prostituição e de seu “benefício líquido”. Quando se estabelece que a prostituição é uma violência às mulheres, Despentes relembra a violência do casamento e de outras tantas coisas insuportáveis, não apenas às mulheres, mas também aos homens, quando “a violência vem desse controle que é exercido sobre todos nós, essa faculdade de decidir em nosso lugar o que é digno e o que não é” (p. 73). “Como se a depiladora do Yves Rocher espalhasse a cera ou extraísse cravos por pura vocação estética” (p. 48).

Teoria King Kong rompe com ressentimentos e com o medo da potência do *outro*, entendendo que a violência do capitalismo, do Estado e de sua moral volta-se a homens e mulheres, principalmente pobres. E a policialização e normatização dos sexos são alguns dos efeitos de uma violência continuada por aqueles que se disponibilizam a funcionar enquanto “cadáveres gratuitos do Estado” (p. 91). Como ela afirma, o feminismo enquanto revolução “não (...) trata de opor as pequenas vantagens das mulheres às pequenas conquistas dos homens, mas de dinamitar tudo isso” (p. 121).

Se a chamada revolução feminina da década de 1970 obteve as conquistas mais notáveis entre outros movimentos sociais e de minorias, a reorganização do espaço doméstico e do cuidado com as crianças permaneceu intocada. Inventar o equivalente a um Macintosh para as tarefas domésticas não é interessante e nem lucrativo, do ponto de vista econômico e também político, conforme aponta Despentes. Em uma análise minuciosa, afiada e certa, ela mostra que, se a maternidade tornou-se o aspecto mais glorioso da condição feminina, e no qual o poder da mulher sobre meninas e

também meninos mais cresceu, tem-se aí a réplica doméstica do que se organiza coletivamente, com base no Estado. “Quando o governo pede a presença da polícia nas escolas ou do exército na periferia, não se trata da introdução de uma figura viril da lei na vida das crianças, mas de um prolongamento do poder absoluto da mãe. Somente ela sabe punir, enquadrar e manter as crianças em estado de infância prolongada. Um Estado que se projeta como mãe toda-poderosa é um Estado fascista” (p. 20).

Os finos apontamentos de Virginie Despentes mostram caminhos importantes para pensar as formas mais modernas e recentes de exercício do poder. A autora não se apega a discussões de “gênero” e faz cair por terra a alegada pertinência atual do conceito de patriarcado, quando as mulheres são, também, alvo de infindáveis investimentos e políticas de inclusão — vide o *empoderamento das mulheres* como uma das mais importantes prerrogativas planetárias da ONU para um futuro sustentável aos moldes universais da democracia liberal.

É possível vincular sua análise sobre o Estado-materno à análise histórico-política proposta por Michel

Foucault, que situa a repressão não como opressão em relação a um abuso, mas como efeito e continuidade da relação de dominação; como continuidade de uma relação de força e guerra perpétuas em meio a uma “pseudopaz”. A partir do que Foucault chama de hipótese de Nietzsche, ou esquema “guerra-repressão”, a autoridade e o poder não se fundam especificamente no Estado, mas necessitam de outros prosseguimentos e capilaridades para reverberar e funcionar, para obter efeitos interessantes, lucros econômicos e utilidades políticas.

Assim, é precisamente por ser o capitalismo uma “religião igualitarista” (p. 24), conforme afirma Despentes, que ele pretende submeter a todos, homens e mulheres. Assim, “não há ganhadores nesse processo, a não ser no caso de alguns dirigentes” (p. 22), afirma, estabelecendo aí a força de seu escrito, ou da “teoria king kong”, ao pensar, então, em formas mais livres e prazerosas de se viver e de se relacionar, para homens, para mulheres.

Virginie Despentes apresenta diversas relações em sua análise com a guerra. Tanto da guerra civil travada cotidianamente e em meios às relações sociais e de poder, como

das guerras recentes, que trouxeram inúmeros efeitos e redimensionamentos políticos. “A dicotomia mãe-puta é traçada artificialmente sobre o corpo das mulheres, como fizeram com o mapa da África”, principalmente após a Primeira Guerra Mundial, aponta. “Ela não acontece a partir de um processo ‘natural’, mas de uma vontade política” (p. 70).

Já o pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado por empreendimentos — conferências, discursos e encontros — interessados em pensar numa renovação do liberalismo clássico. Na Alemanha pós-nazismo, por exemplo, passou-se a pensar em como (re) construir um Estado a partir do espaço da liberdade econômica. O modelo de neoliberalismo alemão é importante, segundo Foucault, por ser a possibilidade de uma governamentalidade neoliberal (Foucault, 2008: 265) levando em conta a necessidade de se governar *para* o mercado. Os EUA, porém, tiveram uma renovação liberal peculiar, unindo tanto uma ancoragem à esquerda — avessa ao desenvolvimento de um Estado imperialista e militar —, como à direita — hostil a políticas relacionadas ao socialismo ou keynesianismo (Idem: 300). O liberalismo dos EUA não

estaria, portanto, relacionado apenas ao aspecto econômico de livre mercado ou às políticas liberais instituídas pelos governantes, mas estaria sendo difundido cada vez mais como uma *racionalidade*.

A teoria do capital humano formulada inicialmente por Theodore Schultz, nos anos 1970, permitiu a incursão da análise econômica em termos que até então não eram considerados econômicos. O capital humano é composto por elementos inatos e outros adquiridos ao longo da vida, bem como qualquer cálculo que possa ser utilizado para prever riscos e lucros serão fundamentais para o seu sucesso. A mãe, nesse sentido, exercerá, desde a gestação, uma função chave na formação de competências futuras, por meio de investimentos educacionais, pelo tempo dispendido com atenção e os afetos. As chamadas competências cognitivas, competências emocionais e a saúde, enquanto capacidades necessárias à formação para a obediência, resultando no aumento da produtividade e lucratividade futuros, são diretamente atribuídas aos investimentos maternos desde o mais cedo possível.

Da mesma forma, para que os fluxos de mercado transitem

livremente, uma governamentalidade ativa, como condução das condutas, será fundamental para calcular riscos futuros. A *racionalidade neoliberal* permite que o sistema penal se amplie continuamente, lançando mão de penalizações cada vez mais combinadas às políticas sociais.

Assim, se a *virilidade* — segundo o dicionário, “Idade do homem entre a adolescência e a velhice. Esforço; energia; vigor” — vincula-se diretamente ao sexo masculino, o seu oposto, atrelado à mulher e à feminilidade, se aproxima da *moderação*. O homem como ser certo, mesmo ao arriscar, e a mulher como a que não pode errar, a que detém responsabilidades elementares como as ligadas ao feto, e que, inclusive, freia o ímpeto desbravador masculino.

Conduta esperada pela *racionalidade neoliberal* atual, a moderação evidencia-se como forma ótima de apaziguamento de resistências. Mas é ao romper com o esperado, com os pequenos fascismos, os autoritarismos ampliados, e a utopia da moderação, que Virginie Despentes irrompe com uma análise singular ao tratar da construção da fragilidade da mulher:

“Porque o ideal de mulher branca, sedutora, mas não puta, bem casada

mas não nula, que trabalha mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem, magra mas não neurótica com a comida, que continua indefinidamente jovem sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mamãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres da casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta mas não tão culta quanto um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, (...) devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista” (p. 11).

Em 2000, Despentes dirigiu seu primeiro filme em longa metragem, *Baise-moi* (*Fuck me* ou *Me foda*). No filme, duas amigas, Nadine e Manu, são abordadas e violentadas por três homens num parque. Manu fica imóvel, não consegue impedir que seja violentada, e quando chega em casa é agredida e chamada de puta por seu irmão, ao recusar dizer para ele quem a violentou. As duas amigas se encontram à noite numa estação ferroviária. Com raiva, passam a noite matando pessoas, policiais, fugindo, roubando carros e casas. Após a “corrida” ser relatada pela imprensa, a dupla causa fascínio e repulsa no país.

Diferente do filme, e a partir de quando fala sobre ele no livro, Despentes conta sobre uma experiência de vida, quando foi violentada, ao lado de sua amiga, também por três garotos. Ela tinha um canivete no bolso da jaqueta, “um canivete de alça preta cintilante, de mecânica impecável” que manuseava com certa facilidade, “naqueles tempos em geral confusos”. Ela não se permitiu ferir um homem para se proteger e proteger sua amiga. Não é tão simples ferir um homem. Da mesma forma como não se produz um Macintosh para organizar trabalhos domésticos, um canivete parece não valer muito. “Talvez a possibilidade de tornar o sexo feminino inacessível pela força não seja algo desejável” (p. 40).

O “estupro” é a guerra civil, segundo Despentes. “O gozo da anulação do outro” (p. 42). No entanto, não é possível liquidá-lo, esgotá-lo. Para ela, é impossível estancar a violência, ou pelo menos um tipo de violência, enquanto houver Estado, enquanto houver capitalismo e sua pretensa igualdade. O “estupro” não decorre meramente da violência de homens contra mulheres — até porque homens, mulheres, meninos e meninas são violentados cotidianamente, independentes de nível econômico e

social —, mas possui utilidade política também enquanto construção de um chamado crime. Um dos intervalos do livro que chama atenção, nesse sentido, é uma citação de Angela Davis, sobre como nos EUA e em outros países capitalistas leis contra o estupro foram formuladas, originalmente, para proteger homens das classes altas de denúncias de suas filhas e esposas. Algo que demonstra a ineficácia e a seletividade do sistema penal, que deterá, como assediadores, os porteiros, os pedreiros, os favelados, os homens negros e pobres.

Além disso, a vitimização das mulheres retroalimenta a culpa, a vergonha de ter sido violentada, a vergonha da delegacia, a violência policial, o trauma e, então, a utopia de não correr mais perigos, da vida exposta para uma encantadora segurança. Porém, a virilidade forçada ao homem também é uma máquina mutiladora, como descreve Despentes, pelo abandono forçado de sua delicadeza, de suas emoções e sensibilidades. O próprio prazer masculino também é vinculado, pela moral e culpa, à brutalidade contra a mulher. A questão, segundo ela, é que, em alguma medida, os homens parecem querer se libertar deste tipo de prisão menos que as mulheres.

A experiência da prostituição, para a autora, vincula-se à expressão *empoderamento*, como um aumento de poder feminino, um exagero de causar impacto na população masculina. Que seria hipocrisia considerar o pacto da prostituição “eu te pago, você me satisfaz” como algo estranho em nossa cultura, conforme aponta, é indiscutível. Por vezes, porém, a prostituição enquanto prática e trabalho é tida, também, como atitude por Despentés, e inclusive como resistência ao machismo, no sentido de estabelecer uma relação “saudável” entre homem e mulher, um acordo “justo” entre ambos quando não os subjuga. A prostituição ocupa um lugar crucial em sua vida e em seu relato, bem como a relação que constrói entre a prostituição e o estupro. De um lado, essa conexão é interessante quando a prostituição, também como modo de enfrentar os efeitos do estupro, subverte, em sua análise e vivência, vitimizações e o discurso de opressão, da manipulação ou falta de consciência da considerada vítima — no caso, a prostituta. De outro lado, a prostituição derivada do estupro, como seu efeito, corre o risco de funcionar como prática reversa à ação do violentador, ou

mesmo de modo a conservar sua continuidade.

Nesse sentido, algo que potencializaria sua análise, menos afeita ao discurso da opressão e da vitimização, e mais atenta aos exercícios de poder do mais *forte*, seria, precisamente, o rompimento com o *empoderamento*. Este, enquanto conduta que almeja dissolver diferenças pela utopia da igualdade, está arraigada a um modo de pensar pelo neoliberalismo, pela igualdade de oportunidades que requer o governo das condutas. O governo pela *segurança*, pelo ajuste de condutas, pela modulação de identidades, pelo controle do sexo, requer empoderamentos. Como então romper com a naturalização da necessidade do alcance de poder, da mesma forma em que se naturaliza a testosterona como vontade inevitável de dominação? Como pensar no exagero, no não limite da feminilidade, na liberdade como prática de vida, sem se ater ao poder como necessário, seja ele outorgado pelo Estado por meio de direitos e deveres, seja por cada um? Como dinamitar o poder e o desejo de dominação em si mesmo de forma apartada a pacificações de resistências e do reconhecimento da

guerra como enfrentamento incessante entre relações livres que extrapolam a justiça de acordos e contratos?

Teoria King Kong, embora assim se autodenomine, não apresenta uma teoria e soluções cômodas para mocinhas ameaçadas por algum King Kong — como no filme a que o livro faz referência —, e sim um chamado furioso e sarcástico para o prazer

em meio à guerra diária. Virginie Despentes não pede desculpas e não busca acatar ou apresentar protocolos. Menos que com o feminismo, “tem tudo a ver com o punk, nunca fazer o que te mandam” (p. 97).

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel (2008). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.